

SÁBADO

ESPECIAL C-STUDIO | GRUPO AGEAS PORTUGAL - PROJETO VIDA SUSTENTÁVEL

ESTE ESPECIAL É DA RESPONSABILIDADE DO DEPARTAMENTO COMERCIAL DA COFINA

O longo caminho da descarbonização da economia

Conhecemos o problema que a humanidade enfrenta com as alterações climáticas, sabemos que para mitigar os riscos devemos adotar a descarbonização das fontes energéticas e das indústrias mais poluentes.

Para isso é necessário preparar os países com infraestruturas que permitam fazer essa transição sustentável. No processo de descarbonização português, a indústria é aquela em que há maiores incertezas e questões em aberto - qual o papel do hidrogénio, das mudanças de processos industriais e das mudanças de matéria-prima.

VIDA 
sustentável

POWERED BY grupo **ageas** portugal

Descarbonizar a economia: onde estamos e para onde vamos?

Faltam apenas oito anos para atingir o “Objetivo 55”: alcançar a meta climática da União Europeia rumo à neutralidade climática. Como vamos fazê-lo? É um esforço de todos ou apenas dos maiores e mais fortes? Seja de quem for, é preciso fazer mais e mais rápido. 2030 está mesmo aí.

Os cidadãos europeus

O que pensam das políticas ambientais?

93%

Consideram as alterações climáticas um problema grave (e 78% consideram muito grave)

90%

Concordam que as emissões de gases com efeito de estufa devem ser reduzidas ao mínimo

81%

Acreditam que mais apoio financeiro público deve ser dado à transição para energias limpas, mesmo que isso signifique reduzir os subsídios aos combustíveis fósseis

70%

Concordam que a redução das importações de combustíveis fósseis de fora da UE pode aumentar a segurança energética e beneficiar economicamente a UE

O que estão a fazer para combater as alterações climáticas?

96%

dos europeus tomaram pelo menos uma ação específica para combater as alterações climáticas:

75% redução e reciclagem de resíduos

59% redução do consumo de artigos descartáveis sempre que possível

32% compra e consumo de mais alimentos orgânicos

31% redução do consumo de carne

Os maiores emissores de CO₂:

percentagem nas emissões globais de CO₂

China **27%**

EUA **11%**

Europa **8%**

75%

Percentagem do setor da energia nas emissões de gases com efeito de estufa (UE)

34%

Percentagem da eletricidade proveniente de fontes renováveis (UE)

2 de fevereiro 2022

A Comissão Europeia classificou a energia nuclear e o gás natural como fontes de energias verdes de forma temporária. Uma necessidade para garantir a transição energética e um futuro na UE sem emissões de CO₂.

2030: Objetivo 55

Em julho de 2021, é estabelecido o Objetivo 55: reduzir as emissões líquidas de gases com efeito de estufa em, pelo menos, 55% até 2030. É uma obrigação prevista pela primeira Lei Europeia em matéria de clima

13%

Redução da intensidade dos gases com efeito de estufa dos combustíveis utilizados em todos os meios de transporte

2,2%

Quota de biocombustíveis avançados e biogás

50%

Quota de energias renováveis no consumo de hidrogénio na indústria, incluindo utilizações não energéticas

2050

Redução de 90% das emissões globais dos transportes, necessária para alcançar a neutralidade climática

Neutralidade carbónica em Portugal: realidade ou utopia?

São muitos os mecanismos políticos e financeiros que procuram criar as condições necessárias para que, atingir a descarbonização até 2050, seja uma realidade. Mas há também muitos obstáculos e alguns surgem inesperadamente, como a pandemia Covid-19, ou o conflito recentemente estalado na Europa do Leste. Continuamos no caminho certo ou, terão de ser feitos desvios ao plano traçado inicialmente?


A

Apesar de todos os esforços, em termos de percentagem de emissões globais de CO₂, a China, os Estados Unidos e a Europa estão ainda entre os mais poluen-

tes do mundo, o que sugere um equilíbrio difícil entre a economia e o ambiente. Ainda assim, na Europa, têm vindo a ser construídos mecanismos que procuram garantir o cumprimento das metas até 2050. O novo período do CELE (Comércio Europeu de Licenças de Emissão) de 2021-30 é um deles. Este mecanismo de regulação das emissões de gases com efeito de estufa (GEE) visa atividades que, na União Europeia, são responsáveis por cerca de 45% das emissões de GEE, como: a queima de combustíveis, a refinação de óleos minerais, a metalurgia, a produção de clínquer (principal componente do cimento), cal e vidro, a cerâmica, a pasta de papel, os químicos e a aviação. Para Pedro Martins Barata (CEO e partner) e Catarina Vazão (partner) da Get2C, uma consultora que atua na área das alterações climáticas, energia e mercados de carbono, “o novo período do CELE está a ser ajustado à ambição anterior da Europa em ser o primeiro continente a descarbonizar-se por completo – em 2050”. Este tem integrado um novo pacote de reformas que pretende acompanhar este nível de ambição, “seja através de metas mais aprofundadas para 2030, seja pelo seu alargamento a novos setores – transporte marítimo, terrestre e emissões do setor residencial”, referem. Ainda assim, a Europa está dependente de produtos que têm um importante impacto na economia, o que pode pôr em causa a concretização de alguns destes objetivos. “Como está patente na atual crise ucraniana, a dependência dos combustíveis fósseis

é uma grande fraqueza geopolítica da União Europeia. Nesse sentido, as ações que se impõem fazer no que diz respeito à neutralidade carbónica estão geralmente alinhadas com a ideia de maior segurança e independência energética”, continuam os analistas. A única solução parece ser acabar com a produção de eletricidade a partir do gás natural e a substituição de consumos de gás por consumos de energias renováveis, assim como a partir de ganhos de eficiência energética. “O que atualmente se propõe, por exemplo, com a maciça entrada em funcionamento de bombas de calor em toda a Europa, que já são economicamente viáveis e têm o potencial de assegurar uma muito menor dependência do gás. No caso do petróleo, há quem indique a possibilidade de atingirmos na Europa, já este ano ou no próximo, o pico da procura”, dizem. Em Portugal, o Roteiro para a Neutralidade Carbónica (RNC2050) tem procurado alinhar o país pelo diapasão da Europa e, apesar do impacto tremendo da pandemia, até ao momento, “nada indica que tenham surgido mudanças estruturais”, referem os responsáveis da Get2C que, aliás, lideraram o consórcio que desenvolveu esta iniciativa do Fundo Ambiental Português. No final do ano passado, o Governo apresentou apoios dirigidos a empresas do setor da indústria, no âmbito do sistema de incentivos para a descarbonização, mas os desafios ainda são muitos. “No processo de descarbonização português, a indústria é aquela em que há maiores incertezas e questões em aberto – como a perceção de qual o papel do hidrogénio, das mudanças de processos industriais, e das mudanças de matéria-prima”, advertem. De qualquer forma, confiam que as entidades se estão a preparar e reconhecem neste “o desafio setorial mais premente no âmbito da descarbonização, nomeadamente nas indústrias que são mais intensivas no consumo de energia”. 

No processo de descarbonização português, a indústria é aquela em que há maiores incertezas e questões em aberto – como a perceção de qual o papel do hidrogénio, das mudanças de processos industriais, e das mudanças de matéria-prima

Flávia Nobre,
Responsável de Sustentabilidade do Grupo Ageas Portugal 



“Estamos a construir um caminho”

Sabemos que é indispensável chegarmos a uma ação concertada a nível mundial, para combater as alterações climáticas, mas também é preciso que o setor público, privado e organizações da sociedade civil trabalhem em conjunto a nível local. É nisto que também acreditamos no Grupo Ageas Portugal. Sabemos que não vamos mudar a realidade sozinhos e que temos muito a fazer, mas estamos a construir um caminho para reduzir as nossas emissões de CO₂ e influenciar os parceiros que trabalham connosco. A promoção da resiliência climática é uma das nossas ambições de longo prazo. Em primeiro lugar, pelos recursos naturais que consumimos diretamente. Neste tema, contamos que a mudança para novos edifícios, com certificação Breeam, contribua significativamente para a redução das nossas emissões. Temos vindo progressivamente a alterar os veículos da frota do Grupo e estamos atualmente a trabalhar num plano para a descarbonização da frota. No que diz respeito ao IT, estamos a rever a nossa política de compras e as regras de renovação do parque informático. Por fazermos parte do setor financeiro, sabemos que o maior impacto que podemos ter será por via do negócio, seja através do desenvolvimento de novos produtos ou através da gestão dos nossos ativos financeiros. Em particular no tema da mobilidade temos analisado como é que podemos endereçar novas necessidades, como por exemplo, a resposta a dar aos clientes com veículos elétricos. Temos avaliado iniciativas ambientais que possamos lançar com os prestadores que trabalham connosco. No caso dos ativos sob gestão, além das ações já mencionadas no suplemento de Fevereiro, destaco o caminho que estamos a fazer para melhorar a eficiência energética do portefólio imobiliário e os Fundos de Pensões Horizonte da Ageas Pensões.